

## AGROECOLOGIA: EXPERIÊNCIAS PARA UMA AGRICULTURA ALTERNATIVA EM QUIRINÓPOLIS-GO

### AGROECOLOGY: AN ALTERNATIVE AGRICULTURAL EXPERIENCE IN QUIRINÓPOLIS-GO

### AGROÉCOLOGIE: UNE EXPÉRIENCE ALTERNATIVE EN AGRICULTURE À QUIRINÓPOLIS-GO

1

#### EDEVALDO APARECIDO SOUZA

Docente da UEG - Universidade Estadual de Goiás,  
Campus Quirinópolis (GO)  
ediueg@gmail.com

#### FILLIPE MENDES DE ARAÚJO

Discente do Curso de Geografia, UEG - Universidade  
Estadual de Goiás, Campus Quirinópolis (GO)  
fillipe.m.araujo@gmail.com

#### HIGOR REGIS JACINTHO DA SILVA

Discente do Curso de Geografia, UEG - Universidade  
Estadual de Goiás, Campus Quirinópolis (GO)  
hrjsilva8@hotmail.com

**Resumo:** Este texto é resultado de experiências sobre agroecologia e agrofloresta realizadas no final de 2017 e início de 2018 com participações em Seminários e Trabalhos de Campo para visitar produções agroecológicas e agroflorestal em Assentamentos e na Embrapa. Em 2018 iniciou-se as visitas em sítios com experiências em agriculturas alternativas para observação das técnicas, saberes populares, condições e aplicabilidades, aceitação e resultados das práticas alternativas. Também ocorreu a implantação do laboratório experimental de agroecologia na UEG Quirinópolis como ponto de referência para experiências e posterior visitação. Essas atividades são resultados parciais do Projeto de Pesquisa “Processo de Transição Agroecológica em Quirinópolis” que têm por objetivo a investigação da potencialidade agroecológica no município.

**Palavras-chaves:** Transição agroecológica. Alimentos saudáveis. Projeto de pesquisa. Projeto de pesquisa. UEG Quirinópolis

**Abstract:** This text derives from experiences concerning Agroecology and Agroforestry carried out at the end of 2017 and beginning of 2018 with participations in Seminars and Field Works in order to visit Agroecology and Agroforestry-related productions in settlements and at Embrapa. In 2018, we started visiting sites with experience in alternative agriculture so as to observe techniques, popular knowledge, contexts and application, acceptance and outcome of alternative practices. Furthermore, as a reference in terms of experiences and eventual visit, an Agroecology experimental laboratory was implemented at UEG Quirinópolis. These are partial results of a Research Project “Agroecological Transition Process in Quirinópolis” that aims at investigating the agroecological potential in this town.

**Keywords:** Agroecological Transition. Healthy Food. Research Project. UEG Quirinópolis

**Résumé:** Ce texte est le résultat d’expériences sur l’agroécologie et l’agroforesterie qui sont réalisés à la fin de 2017 et au début de 2018 avec les participations en Séminaires et Travaux de Terrain pour visiter les productions agroécologiques et agroforestières dans les établissements humains et dans l’Embrapa. En

2018, ont commencé des visites aux sites ayant des expériences dans l'agriculture alternative pour l'observation des techniques, des connaissances populaires, des conditions et l'applicabilité, de l'acceptation et les résultats des pratiques alternatives. Il y a également eu mis en place le laboratoire expérimental d'agroécologie de l'UEG à Quirinópolis, comme point de référence pour les expériences et la visite ultérieure. Ces activités sont des résultats partiels du projet de recherche «Processus de Transition Agroécologique à Quirinópolis», qui vise à étudier le potentiel agroécologique de la ville.

**Mots-clés:** Transition agroécologique. Nourriture saine. Projet de recherche. UEG Quirinópolis.

## Introdução

A agroecologia é compreendida como fonte de produção científica, abalizada em tecnologias e técnicas agricultáveis, objetivando uma alimentação descontaminada e saudável, de forma ecologicamente correta, que traz à tona o conceito de sustentabilidade, e defende o não uso de agrotóxicos na alimentação, como crítica à intoxicação do meio ambiente e do ser humano.

Esse método mantém o elemento humano como parte integrante da natureza, de forma pacífica e harmoniosa, buscando maior equilíbrio do ecossistema terrestre. Isso significa frear avanços tecnológicos agressivos que monopolizando culturas, cria especulações e mascara a realidade envenenada, com discursos de que o agronegócio tóxico é sustentável, capitalizando a escassez da saúde humana.

A proposta da pesquisa, e deste texto, é contribuir para a conscientização e conhecimento a respeito da redução da produção de alimentos contaminados por agrotóxicos no município e região, promoção de práticas adequadas de manejo e conservação do solo, para o resgate dos saberes culturais camponeses e do trabalho coletivo para a melhora da qualidade de vida das famílias produtoras e da população local consumidora.

A metodologia dessas atividades foi apenas de participação para aprendizagem pela observação e indagações durante as visitas, e das discussões no seminário. O método foi o qualitativo, visto que o enriquecimento a respeito dos conteúdos teóricos e práticos veio de encontro com os objetivos propostos que é contribuir para a execução e construção das atividades do projeto.

O embasamento teórico sobre a agroecologia esteve centrado, sobretudo, nas ideias de Altieri (2012) Caporal (2004) e Machado e Machado Filho (2014), e o empírico nas visitas técnicas aos produtores de alimentos para investigação das práticas de agricultura e divulgação de cursos e visitas técnicas, como principais recursos para

desenvolver com êxito o projeto proposto, considerando também uma boa base feita com estrutura, planejamento e ação em prática.

Na prática, alguns acadêmicos do Curso de Geografia da UEG Câmpus Quirinópolis participam da Iniciação Científica pelo Projeto de Pesquisa “Processo de transição agroecológica em Quirinópolis”, sob a orientação do professor: Dr. Edevaldo Aparecido Souza, utilizando de conhecimentos teóricos e experimentos práticos.

### Primeiras ações do projeto de transição agroecológica em Quirinópolis

Um passo importante foi a criação do Laboratório Experimental de Agroecologia e Agrofloresta (LABEAGRO) no Câmpus da UEG Quirinópolis (figura 1), para evidenciar os trabalhos aos olhos de pessoas que tenham curiosidades ou interesses em aderir ao sistema de produção, aberto a novas ideias e trocas de saberes.

Figura 1: Laboratório Experimental de Agroecologia e Agrofloresta (LABEAGRO)



Fonte: Edevaldo Aparecido Souza, 2018.

As pesquisas de campo e visitas foram realizadas pelo grupo de estudos, absorvendo informações, levantando dados com base científica, e também o conhecimento empírico, abrolhando destaque ao saber popular de cada propriedade, uma vez que há diferenciação de solos, espaço, relativos a cada localização.

Os trabalhos se estenderam também às feiras e propriedades de hortifrutigranjeiros que tenham interesse no projeto, conforme figura 2, com interesses no processo de transição, dispondo de técnicas e conhecimento tradicional, já com algumas práticas semelhantes em meio às contraposições da produção de alimentos capitalista.

Figura 2: Visitas às propriedades dos produtores e comerciantes nas feiras livres



Fonte: Edevaldo Aparecido Souza / Fillipe Mendes de Araújo, 2018.

No entanto, foram de suma importância, para o início do projeto, a qualificação da equipe quanto aos conceitos, conteúdos, experimentos do método agroecológico que serão apresentados, a seguir, quatro experiências em lugares externos à realidade de Quirinópolis, realizadas nos meses de outubro/novembro de 2017 e fevereiro de 2018, onde a agroecologia já está mais consolidada.

### **Estudos preliminares para início da execução do projeto de pesquisa sobre transição agroecológica**

No segundo semestre de 2017 teve-se início o Projeto de Pesquisa “Processo de Transição Agroecológica em Quirinópolis”, executado por docentes e discentes do Curso de Geografia da UEG Campus Quirinópolis, cujo objetivo é visitar os produtores de alimentos básicos como hortifrutigranjeiros, frutas e roças, para conhecer as perspectivas de trabalharem com o método de transição agroecológica.

Conhecida como produção de fato sustentável e ecologicamente correta, a produção agroecológica vem expressar a realidade, criticando os venenos, transgênicos, agrotóxicos, aplicações químicas de uma forma geral, o envenenamento do ser humano e também do meio ambiente. Muitas vezes o modelo do agronegócio tóxico é mascarado como sustentável, com capacidade de produzir alimentos para o mundo, visto que sua produção é de larga escala, entretanto, é evidenciado o alto índice de produção devastadora, extremamente capitalista, inconsequente. Esse modelo visa apenas lucro, sem pensar em

uma proposta humanitária de manter a vida saudável, manipulando, assim, grande parte do sistema de produção agropecuário.

Ao observar a metamorfose do espaço geográfico rural, de acordo com JESUS (2015, p. 23).

As disputas, e as lutas e os conflitos sociais devem ser entendidos numa perspectiva forjada pela contradição da produção capitalista. As injustiças no espaço agrário surgem em função do projeto hegemônico de desenvolvimento como modelo padrão que impõe sua lógica, seus costumes substituindo os modelos de vidas das comunidades tradicionais.

Objetivando a preservação e conservação dos recursos naturais, a agroecologia vem de forma reversa apresentar e difundir um pacote de saúde humana, oferecendo uma alimentação saudável, propícia de descontaminação. Na definição de Machado e Machado Filho (2014, p.36), é “um corpo de doutrina que viabiliza a produção de alimentos e produtos limpos, sem venenos, tanto de origem vegetal como animal [...]”. Propõe-se a reimplantação, nada recente, à agricultura de outros tempos, regressando para de fato evoluir, que explora de forma o mais natural possível o meio ambiente, aplicando práticas de equilíbrio entre o elemento humano e a natureza.

De acordo com Altieri (2004, p.23) a agroecologia é fornecedora de uma “estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam”. Machado e Machado Filho (2014, p.35) complementam que além da apropriação dos saberes tradicionais, também utiliza-se os “imensos progressos da ciência e da tecnologia dos últimos 50 anos que se conformam em técnicas produtivas com a incorporação das questões sociais, políticas, culturais, ambientais, energéticas e éticas, tendo sempre presente a escala [...]”.

Para isso, é necessário apor tecnologias eficientes de controle biológico, e repelentes naturais, resgatando alguns métodos primitivos como os utilizados por povos nativos, indígenas, Quilombolas e camponeses. Associa-se essas experiências ao avanço técnico/científico já alcançado para métodos de agriculturas alternativas em um meio onde ainda se valoriza coisas simples e bem aplicadas, proporcionando valores inestimáveis, vínculos de capital humano que valoriza a vida e onde o capital financeiro não é o fator principal. Ampliam-se os laços de bem-estar social entre as comunidades praticantes da atividade, satisfazendo também quem consome desses produtos.

Ao se propor uma alimentação mais saudável, conseqüentemente preserva-se o meio ambiente, e ainda contribui na geração de renda, com utilização de recursos naturais já encontrados na natureza, com “controle biológico”, expande conhecimentos e agrega à sustentabilidade um meio tecnológico também eficiente e menos agressivo. Isso é aplicação de tecnologia no campo.

O procedimento de transição agroecológica, também conhecido por ecologização agrícola, propõe uma radicalização no processo de produção, sem, contudo, esperar resultados imediatos, por trabalhar com métodos e elementos naturais. A transição é considerada eficiente de médio a longo prazo, alterando a estrutura e os meios até então trabalhados. Exige-se, assim, um período para reimplantação e adaptações do sistema produtivo, incluindo o ambiente de trabalho e as culturas adaptáveis a cada situação ou região. Caporal (2004, p.12) apresenta um conceito de transição agroecológica:

[...] entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção (que pode ser mais ou menos intensivo no uso de inputs industriais) a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica.

Reestabelece, portanto, o equilíbrio homem/natureza, de forma gradativa e subsequente, a evolução das cultivares alcançando o resultado desejado, promovendo uma melhor qualidade de vida e saúde dos povos. Tanto para o produtor, quanto para o consumidor.

Vincula-se uma política repleta de melhorias, caracterizadas por respeito ambiental e acolhimento natural, desperta o interesse socioeconômico nas comunidades de agricultura familiar e camponesas, e agrega valores aos índices de produção e comercialização coletiva como, feiras, cooperativas e associações.

Desse modo, a seguir, estão apresentadas algumas experiências vivenciadas nesse início do Projeto de Pesquisa “Transição Agroecológica em Quirinópolis” em outros municípios e regiões do país, cujas atividades tiveram a participação de um ou mais membros da equipe do projeto: Trabalhos de campo do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária; Seminário de Agroecologia em Anápolis; Visita Técnica na Fazendinha Agroecológica da EMBRAPA Arroz e Feijão; além de um Curso sobre Transição Agroecológica organizado em Quirinópolis (GO).

## **Experiências e aprendizados de agroecologia e agrofloresta**

Durante as atividades realizadas no VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária (VIII SINGA), na cidade de Curitiba/PR nos dias 01 a 05 de novembro de 2017, os participantes puderam interagir diretamente com movimentos sociais que utilizam das práticas agroecológicas para produção de alimentos e de plantas medicinais, bem como de outros temas, em treze trabalhos de campo organizados e disponibilizados para os simposiastas.

Em dois desses campos houve a participação de integrantes do Projeto de Pesquisa que está sendo executado em Quirinópolis: o trabalho de campo intitulado “Organização espacial do MST: Agroecologia e Agroflorestal”, realizado na Escola Latino-americana de Agroecologia e no Assentamento Contestado, ambos localizados no município da Lapa / PR, com a presença do acadêmico Fillipe Mendes de Araújo; e o “Acampamento Agroflorestal José Lutzemberger, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, na Mata Atlântica, um processo de luta, tanto pelo território, quanto da implantação do sistema agroflorestal, onde participou o professor e coordenador do projeto de pesquisa, Dr. Edevaldo Aparecido Souza.

Também participou do “Seminário de Agroecologia em Anápolis: agroecologia construindo um futuro sustentável” em outubro deste ano, o acadêmico Higor Regis Jacintho da Silva. O objetivo do seminário foi propagar o modelo agroecológico e agricultura orgânica para produtores e outros interessados no tema como estudantes como Geografia e áreas afins.

Como último evento recente, quatro integrantes do grupo de pesquisa se fizeram presentes no “V Dia de Campo da Fazendinha Agroecológica” realizado pela EMBRAPA Arroz e Feijão, no município de Santo Antônio de Goiás, o professor Edevaldo Aparecido Souza, e os acadêmicos Higor Regis Jacintho da Silva, Lilian Pereira Rezende e Paulo César de Oliveira.

## **Escola Latino-americana de Agroecologia e Assentamento Contestado**

No decorrer do trabalho, além de um pouco da história do assentamento e da fundação da Escola Latino-americana de Agroecologia, Lapa (ELAA) em 2005 como

iniciativa da Via Campesina (figura 3), foram relatadas as experiências dos próprios assentados ao longo do processo de organização na área conquistada com muita luta, onde a implantação dos sistemas agroecológicos e agroflorestais se tornou o ponto chave para a produção agrícola do Contestado.

Figura 3: Escola Latino-americana de Agroecologia, Lapa/PR



Fonte: Fillipe Mendes de Araújo, 2017

A ELAA e o Assentamento Contestado vêm se tornando cada dia mais uma referência mundial de organização social, de ensino de produção de alimentos agroecológicos, de soberania e prosperidade, além de modelo como instituição pedagógica, contando com todos os níveis de escolaridade, na educação básica com a Ciranda Infantil, no ensino fundamental e médio com a Escola Municipal do Campo Contestado e Colégio Estadual do Campo Contestado (que dividem o mesmo espaço físico no assentamento), e com a ELAA, que possui os cursos superiores em “Tecnologia em Agroecologia e Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza e Agroecologia”. Conta com a participação de alunos do Brasil, Paraguai, Bolívia, Chile, Argentina e República Dominicana.

A autonomia, em se tratando de produção de alimentos para o consumo e para o mercado, é admirável, onde as técnicas de plantio sem a utilização de insumos agrícolas sintéticos são feitas nas conformidades do que é proposto pelo sistema agroecológico, o que gera mais qualidade aos seus produtos.

Cerca de 81 camponeses e suas produções são devidamente certificados como agroecológicos pela Rede EcoVida de Agroecologia de Certificação Participativa e tem seus produtos destinados à merenda de 57 colégios Estaduais da região e mais 22 escolas do município, além de abastecer a mesa de mais de 3 mil pessoas. Este fato só

foi possível devido à decisão dos próprios assentados em fundar a Cooperativa de Agroindústria e Comércio Terra Livre e por intermédio de parcerias com programas governamentais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

### **Acampamento Agroflorestal José Lutzemberger<sup>1</sup>**

O Acampamento Agroflorestal José Lutzemberger, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Mata Atlântica, num processo de luta, tanto pelo território, quanto pela implantação do sistema agroecológico e agroflorestal (figura 4), localiza-se no Município de Antonina, litoral norte do Estado do Paraná. De acordo com Facco (2015, p.74) “trata-se de um local de resistência, a partir da ocupação, que simboliza a luta pela terra nesta região costeira. O território ocupado está inserido dentro de uma Unidade de Conservação: a Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba”.

De acordo com um dos líderes/representantes do acampamento, Jonas Souza, a área constitui-se um território que desde o tempo da colonização foi apropriado pela Comunidade Caiçara, com modos de vida e de produção comunitárias, em pequenas parcelas, e sem o título da terra, o que fez com que o capital fosse se apropriando com os ciclos econômicos da região, impactando essas comunidades.

O primeiro ciclo foi o desmate para utilização da madeira, depois a coleta do palmito da palmeira Jussara, e o terceiro a produção da pecuária. Os conflitos se acirraram na luta pela defesa do território, porém, pelo fato de essas comunidades não terem o título da terra, eram posseiros, a apropriação e introdução de criação de búfalos por parte dos fazendeiros foi se consolidando com mais facilidade, em detrimento dos povos tradicionais que foram perdendo seus territórios.

A área, já degradada pela atividade bufalina, foi ocupada por um acampamento voluntário, na área do Rio Pequeno, sem ainda o acompanhamento do MST, no final de 2002, início de 2003. Nesses anos iniciou-se também o quarto ciclo que era a da preservação do meio ambiente intocável, excluída a possibilidade de habitação do ser

---

<sup>1</sup> Com exceção das citações, as informações desse subtítulo foram apresentadas pelo Jonas Souza em uma apresentação da história do Acampamento Agroflorestal José Lutzemberger, como parte da atividade de trabalho de campo.

humano, sem gente, pela Organização Não Governamental (ONG) Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS), financiados por três empresas estadunidenses: Chevron; American Electric Power; e General Motors, as duas primeiras do setor energético e a terceira na atividade automotiva, relata Jonas Souza, que precisavam de uma ONG nacional para executar um projeto de crédito de carbono florestal nas reservas compradas, para um contrato de cem anos. No entanto, para Cenamo *et al* (2010) são contratos individuais, para 40 anos, com início em 2002 da Chevron; 2000 da American Electric Power; 2001 da General Motors.

Figura 4: Sistema Agroflorestal no Acampamento José Lutzemberger, Antonina/PR



Fonte: Edevaldo Aparecido Souza, 2017.

Foram grandes as dificuldades que tiveram logo no início pelas tensões impostas pelo capital e pelo Estado à serviço deste. De um lado as empresas com atividades de sequestro de carbono interessadas na área, e de outro, as liminares de reintegrações de posse para a continuidade da pecuária. Foi então que o MST entra com apoio de organização da luta pela resistência e a proposta de agrofloresta ganha potencial.

Atualmente a produção de hortifrutigranjeiros, além de outras fontes consumidoras, é entregue em escolas municipais de três municípios e em escolas estaduais de quatro municípios, entre frutas, tubérculos, hortaliças e temperos. Em 2017 a comunidade recebeu o prêmio “Juliana Santilli”, na categoria “ampliação e conservação da agrobiodiversidade”. Além de receber o troféu e o selo de reconhecimento a premiação também envolve apoio financeiro para intercâmbio de experiências (ROHDEN, 2017).

Sabe-se que, tanto a luta pela terra quanto um projeto de agrofloresta, são processos demorados. Esse acampamento já tem 15 anos de existência e ainda não se

efetivou como assentamento, mas o sucesso da recuperação da floresta de Mata atlântica, consorciada com a produção frutífera, roçado e hortaliças, desfaz qualquer tentativa do capital de ainda tentar se apropriar desse território, e desterritorializar essa gente, sujeitos da produção alimentar, do trabalho coletivo e da proteção do Meio Ambiente.

### **Seminário de Agroecologia em Anápolis: agroecologia construindo um futuro sustentável**

A agricultura vista dentro de uma proposta ecológica é definida como agroecologia. A produção de orgânicos, sem o uso de agrotóxicos e, portanto, sem danos ao ambiente, faz parte desta ciência, que também se dedica a fatores sociais, culturais, técnicos e econômicos, a atividades de implantação, pesquisas, experiências, e no país já há muitos casos de sucesso. Esses temas foram apresentados no seminário agroecológico em Anápolis-GO no dia 27 de outubro de 2017, comprovando a eficiência econômica, saudável e ecologicamente correta, propostos no sistema de produção agroecológica.

Com objetivo de promover a difusão da agroecologia e da agricultura orgânica, levando mais conhecimentos aos participantes do seminário, os produtores puderam ter um aprimoramento na produção e na melhoria do manejo agroecológico da propriedade. Para os estudantes, o evento realçou que a atividade apresenta novos aprendizados e alternativas para produções agrícolas de fato sustentáveis.

Foram abordados assuntos como agroecologia e agricultura familiar, melhor aproveitamento de alimentos quanto ao desperdício, defensivos naturais, criação de insetos e preservação de predadores naturais benéficos cultivares. O produtor Paulo Aparecido de Oliveira relatou suas experiências com mais de três anos no mercado de produção ativa e freguesia fidelizada, resolveu trabalhar sem o uso de agrotóxico por orientação médica, onde o mesmo se encontrava intoxicado.

O agricultor comercializa as hortaliças produzidas em sua propriedade todas as terças-feiras na Feira Agroecológica de Anápolis (FEAGRO), e também participou de diversas atividades como palestras e cursos que abordam o assunto. Para Fehlauer e Ayala (2007), esse método valoriza o conhecimento, os modos de vida, as formas de

organização social e política, os modos de produção-consumo, baseado nos sistemas de trocas e de padrões locais de sustentabilidade.

Desse modo, o produtor agroecológico adquire uma preocupação em constituir um ambiente equilibrado, com melhor qualidade de vida agregando valor a sua produção, saúde e meio ambiente, priorizando a diversidade de atividades e produção alimentar.

### Visita Técnica a Fazendinha Agroecológica da EMBRAPA Arroz e Feijão.

12

O V Dia de Campo da Embrapa Arroz e Feijão ocorreu na Fazendinha agroecológica da EMBRAPA em Santo Antônio de Goiás, dia 23 de fevereiro deste, e recebeu pessoas e entidades de várias partes do Estado de Goiás. Essa atividade busca, por meio de pesquisas teóricas e práticas, desenvolver estudos vinculados à produção agroecológica, cultivando diversas lavouras de gênero alimentício e plantas medicinais (figura 5).

Figura 5: Área da Fazendinha Agroecológica destinada ao cultivo de plantas medicinais



Fonte: Higor Regis J. da Silva, 2018

Durante o dia de campo os acadêmicos bolsistas e o professor pesquisador do projeto de transição agroecológica puderam observar e entender melhor como a EMBRAPA desenvolve seus trabalhos, as técnicas utilizadas e a relação custo/benefício desse modelo de agricultura. Foram apresentados temas como manejo da produção de arroz, feijão e milho em sistema agroecológico, compostagem e quintal com plantas medicinais e plantas alimentares não convencionais.

Nesse aspecto, percebe-se que a EMBRAPA vem se tornando uma grande aliada nos estudos dessas práticas, colaborando com a ampliação da agricultura familiar de

maneira menos nociva ao meio ambiente e a saúde, tanto humana quanto do próprio ambiente onde se aplica, caracterizando um modelo de agricultura que possa realmente ser chamada de sustentável. Os pesquisadores da EMBRAPA se dispuseram a orientar e esclarecer dúvidas quanto a produção agroecológica, e promover de forma totalmente gratuita este evento voltado para os produtores rurais e instituições de ensino.

### Curso “Transição Agroecológica”

Em sequência, buscaram-se parcerias com a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, com a Agência Goiana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária – EMATER e com o Instituto Casa da Abelha, de maneira a desenvolver uma relação mais cooperativa entre essas instituições e o projeto de pesquisa.

O primeiro curso voltado ao projeto de pesquisa, sob a temática “Transição Agroecológica”, foi realizado entre os dias 19 a 22 de março de 2018 (Figura 6), e contou com a participação de integrantes do projeto de pesquisa, representados por acadêmicos de iniciação científica, pequenos produtores rurais “feirantes”, técnicos administrativos da UEG e os técnicos da EMATER/EMBRAPA que ministraram o curso.

O conteúdo abordado possibilitou aprimorar os conhecimentos sobre todo o processo de produção agroecológica, técnicas de adubação, conservação de recursos e de controle de possíveis pragas, comuns no processo produtivo do município, responsáveis pela promoção da desestruturação do equilíbrio ambiental natural.

Figura 6: Curso teórico “Transição Agroecológica” na UEG Quirinópolis (GO)



Fonte: Edevaldo Aparecido de Souza, 2018

Pôde-se perceber grande interesse por parte dos pequenos produtores que participaram desse momento de aprendizagem em se enquadrar a esse novo modelo de produção que visa, além da qualidade dos alimentos, também a saúde e a responsabilidade social, no que concebe a preservação dos elementos naturais.

### **Considerações Finais**

A agroecologia é, sem dúvidas, um grande desafio, com um propósito ainda maior. Hoje a demanda por alimentos saudáveis vem se tornando cada vez mais acentuada, pelo fato de que as pessoas têm alcançado, gradativamente, maior conhecimento, e buscam melhor qualidade de vida, criando, crescentemente, necessidades em consumir alimentos de qualidade. A demanda por alimentos não deve ser mais pelo aspecto físico de beleza e aparência, mas sim pela qualidade agregada, sabor natural e descontaminação química.

Sendo assim, a agroecologia apresenta uma proposta totalmente aceitável e promissora em se tratando de saúde e qualidade de vida, tanto de quem consome quanto de quem produz, além de estar em harmonia com o meio ambiente preservando as espécies e inovando com certo regresso as práticas agrícolas antigas, associadas às pesquisas com excelentes resultados na academia.

Nesse intuito o texto apresenta a participação da equipe do projeto de pesquisa, em 2017, no “Seminário de Agroecologia em Anápolis: agroecologia construindo um futuro sustentável” para adquirir conhecimentos teóricos acerca do tema; e em dois trabalhos de campo no VIII SINGA, para visitar produções agroecológicas e agroflorestal em assentamentos de reforma agrária e na Escola Latino-americana de Agroecologia, além da participação dos integrantes do projeto na “V Dia de Campo da Fazendinha Agroecológica” realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) Arroz e Feijão, em Santo Antônio de Goiás.

Em 2018 iniciou-se também a articulação e organização de um curso teórico sobre a transição agroecológica ministrado por técnicos da Agência Goiana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária (EMATER) e da EMBRAPA Arroz e Feijão, ambas entidades da regional Goiânia/GO. Esse curso foi oferecido aos integrantes do projeto e, principalmente, para os pequenos produtores que plantam e vendem produtos alimentares nas feiras da cidade de Quirinópolis.

Esses são os primeiros resultados do projeto, com relação a construção de quebra de paradigmas que visa oferecer à população urbana alimentos de qualidade e às famílias camponesas um modelo de produção saudável que não impacta a saúde do produtor e do meio ambiente.

## Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Disponível em: <https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/Agroecologia-Altieri-Portugues.pdf>. Acesso dia 15/07/2016.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3.ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincipios.pdf>. Acesso em: 16/08/2018.

CENAMO, M. C.; PAVAN, M. N.; BARROS, A. C.; CARVALHO, F. **Guia sobre Projetos de REDD+ na América Latina**. Manaus: REDD, 2010.

FEHLAUER, T.; AYALA, C.. “Agroecologia em terras indígenas”: das fronteiras da sustentabilidade à política de educação intercultural. **Revista Tellus**, Campo Grande, ano 7, n. 12, p. 33-48, 2007.

JESUS, J. N. A Geografia da educação no espaço rural: debates e proposições. In: JESUS, J. N.; SANTOS, G. C. (Org.). **Geografia e sujeitos do cerrado**: análises e reflexões. Goiânia: Kelps, 2015. p. 11-34.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. **A dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

ROHDEN, J. Ocupação do MST no Paraná ganha prêmio por recuperação da Mata Atlântica: Prêmio Juliana Santilli reconhece prática que alia produção de alimentos e preservação ambiental. In: **Brasil de Fato**, Curitiba, 28 de Outubro de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2hmZA9F>>. Acesso em: 08 nov. 2017.